



ArteNautas e Contadores de Histórias: uma prática de Arte e Educação no Colégio Internacional de Vilamoura

Teresa Alexandrino

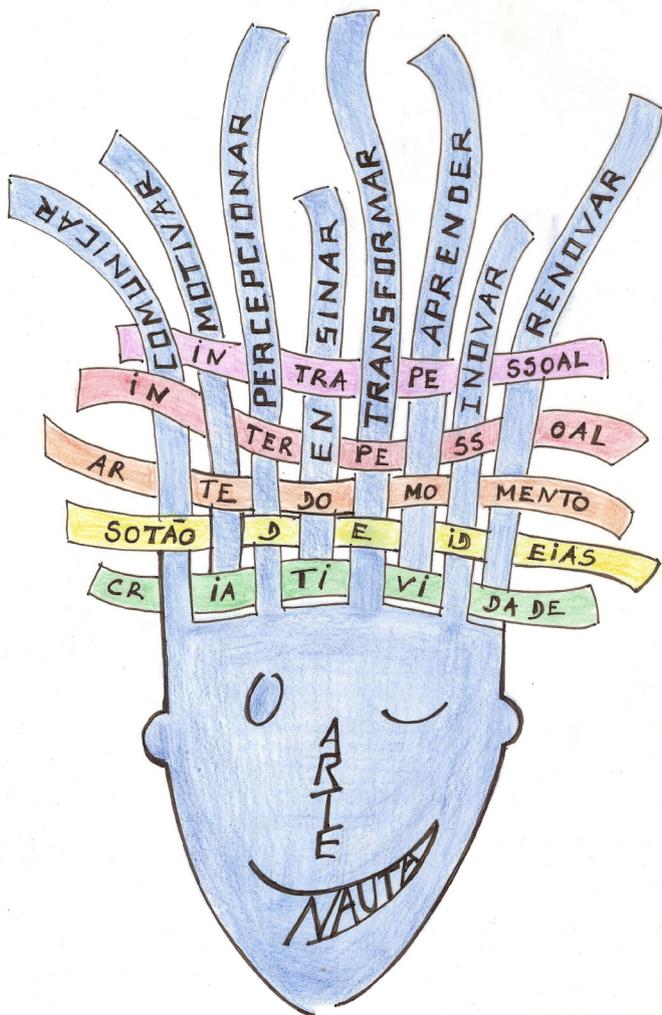
Resumo

O trabalho de pesquisa em Arte e Educação que aqui apresento aborda a criação e a coordenação de um grupo de jovens contadores de histórias do Colégio Internacional de Vilamoura (CIV), designado por CIV Young Storytellers. A problemática e o objeto de estudo desta pesquisa de incidência inter e transdisciplinar, centra-se no desenvolvimento das expressões artísticas, com relevo para a expressão plástica e artes visuais, a expressão dramática, a teatralidade e a performance, em contextos de aprendizagem multicultural e linguística de jovens contadores de histórias.

1. Alimentar o desejo

Tinha acabado de iniciar o ano de 2009 quando tive o primeiro contacto com a figura do ArteNauta. Era então estudante na Universidade Aberta no Curso de Pós-Graduação em Especialização em Ensino (CEEN). O Amílcar Martins era docente da Unidade Curricular Comunicação na Sala de Aula. Ao abordar o perfil, as competências e as funções do educador, professor e

animador, apresentou-nos a figura do ArteNauta. MUITÍSSIMO estimulada pelo conceito criei a primeira iconografia do ArteNauta (desenho 1), primeira de uma profusa série que tem fluído até ao dia de hoje.



Desenho 1: ArteNauta Cidadão Transformador.

Sou professora da disciplina de *Art & Design* nos Estudos Ingleses do Colégio Internacional de Vilamoura (CIV). O CIV foi fundado em 1984 como escola de educação internacional para servir os estudantes da área de Vilamoura, um dos principais centros turísticos do sul da Europa. Situado numa elevação de terreno ergue-se em blocos baixos de dois pisos rodeados de oliveiras, alfarrobeiras e largo espaço livre, propício ao contato próximo com a natureza. O sol é visita constante e o mar, ali tão perto, sossega-nos o espírito e faz o tempo andar mais devagar, oferecendo-nos assim um lugar onde a magia pode acontecer.

Em janeiro de 2010, no âmbito do programa *2010 Ano Europeu de Combate à Pobreza e à Exclusão Social*, com o intuito de proporcionar uma oportunidade para a prática e experimentação das expressões artísticas, desafiei os estudantes a organizarem e animarem algumas atividades no CIV. A energia solidária destes jovens, de diferentes idades e de várias nacionalidades, foi distribuída entre a dinamização de bancas alimentares para a angariação de fundos e várias sessões de contação de histórias. Estava assim lançada a semente desta Viagem de ArteNautas.

A criação dos CIV *Young Storytellers* apresentou-se como uma resposta ao elevado grau de motivação e de implicação demonstrados pelos jovens contadores de histórias. Depois das primeiras experiências como contadores de histórias na Biblioteca, no Jardim de Infância e nos espaços ao ar livre do CIV, os jovens contadores de histórias demonstraram um forte sentimento de pertença a um grupo. As histórias partilhadas e os momentos vividos, traduzidas num sentimento de convergência, de comunhão e de forte coesão do grupo, foram o cimento desta nova amizade que os unia fortemente e dos quais os jovens contadores não quiseram abdicar. Encontrei assim criadas as condições de atmosfera humana e de

coesão de grupo imprescindíveis para que as prováveis aprendizagens a realizar ao longo da nossa Viagem, se pudessem transformar em aprendizagens partilhadas e cooperantes, significativas e criativas, duradoiras e transferíveis.

Alinhado no conceito de ArteNauta e no Projeto Educativo do CIV, nos saberes da tradição ligando-os aos saberes da inovação, a conceção do projeto CIV *Young Storytellers* procura alargar a experiência dos jovens contadores de histórias. Para tal proporciona-lhes o contacto com contadores de histórias e animadores de diferentes culturas, assim como a sua participação ativa em oficinas e sessões de contação de histórias, onde não só se faz recurso aos meandros comunicacionais da palavra enquanto força indutora de magia, mas também aos objetos por eles criados, através do corpo, do drama, da música, da dança e do cinema.

2. O ArteNauta como guia inspirador de uma conceção de prática em Arte e Educação

O conceito de ArteNauta = Arte + Nauta (*Viagem*), tem sido desenvolvido por Amílcar Martins em contextos de formação de Arte-Educadores e/ou de Artistas com interesse pela Educação, entendida esta numa perspetiva de intervenção artística, pedagógica e didática *lato sensu* e de cidadania transformadora.

Para Martins, a Educação é entendida numa ótica de proporcionar Viagens formativas capazes de detonar a fruição e leituras do mundo, às quais os próprios Sujeitos da Aprendizagem atribuirão sentidos e significados personalizados. As Aprendizagens induzidas por práticas de fruição e de leituras do mundo cartografadas através de Viagens corresponderão, em parte, ao processo

e ao resultado das aquisições mais tangíveis e, porventura, mais profundas e inefáveis. São estas experiências de Viagens que se revelam com forte potencial de transferibilidade para situações e contextos múltiplos. As Viagens, vividas tantas vezes de forma invisível, configuram representações cartográficas construídas, interiorizadas e transformadas pela pessoa viajante.

As Viagens, enquanto ADN identitário de práticas educativas criativas, desenvolvem-se e acrescentam-se ao ser pessoa viajante, quicá contaminando-a e contagiando-a, tantas vezes profundamente, enquanto ser individual, social e espiritual. As Viagens são, afinal, matéria-prima sempre renovada que expande e liberta novas representações sobre o mundo sensível e observável, novas representações do mundo imaginário, novas representações do mundo reinventado, novas representações sobre o conhecimento, ele próprio em trânsito para se tornar outro.

As Viagens alimentam-se com novos e velhos elementos de pensamento, com a elaboração de novas sínteses que permitirão à pessoa desenvolver-se e estruturar-se com uma visão do mundo integradora, holística e, naturalmente, política.

As Viagens dão existência empírica ao confronto com as dimensões pessoal e social, artística e cultural, ambiental e científica, tecnológica, ficcional e utópica do viajante. Ativam nele o desejo de um universo quicá a recriar-se como projeto e construção.

As Viagens são entendidas por Martins como dispositivos reais e/ou ficcionais proporcionadores de Aprendizagens. Estas configuram-se como embrião nuclear resultante de uma pedagogia das artes expansiva e criadora. É com as Viagens e com a aventura das descobertas que estas proporcionam, com o detonar do questionamento livre e progressivo que elas desencadeiam, com a

observação do novo que elas interpelam, com a pesquisa aliada à problematização de novos universos a apr(e)ender, que estaremos em face de ler e de ganhar mais mundos dentro de nós, quer sejamos arte-educadores, artistas, professores e educadores. Ou, ainda, quer sejamos eternos aprendentes e descobridores, reinventores do mundo com epicentro no contributo do domínio das artes à humanidade que nos envolve.

Nos últimos anos (2009-2017), e particularmente no contexto da formação de Arte-Educadores do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta, Amílcar Martins, com a minha colaboração de proximidade ao projeto do ArteNauta – sobretudo traduzido na integração em múltiplos projetos nacionais e internacionais, bem como na criação de uma profusa iconografia visuo-plástica de suporte ao conceito –, ampliou o seu entendimento dando origem a uma complexa articulação de sete categorias assim designadas:

ArteNauta (Arte + Nauta (*Viagem*) = Arte-Viajante

ArteNauta = Arte-Viajante + Arte-Contador + Arte-Brincador/
Brincante

+ Arte-Animador + Arte-Educador + Arte-Curador +
Arte-Pesquisador/Investigador

Vejamos o que implica cada uma destas categorias-âncoras no perfil matricial do ArteNauta.

- **O ArteNauta é um Arte-Viajante** – Porque a Viagem alimenta o que de mais interpelante, desafiador e profundo inventámos para descobrir e aprender. Afinal a Viagem cartografa trajetórias de vida que dão forma e sentido à materialidade e imaterialidade da matéria-prima das

vivências humanas, as quais poderão ser estruturadas em três fases progressivas:

- A Viagem Prepara-se e Imagina-se – É a fase pré-liminar da Viagem com ativação do desejo na direção da pesquisa dos espaços e lugares novos, das populações outras que queremos descobrir, a quem nos queremos dirigir, e com quem interagimos e atuamos no nosso projeto em devir.
- A Viagem Concretiza-se e Vive-se – É a fase liminar da Viagem que coloca o seu epicentro na vivência de uma ecologia do lugar e das pessoas, ligando a este processo a dimensão holística e globalizante da complexidade da Viagem propriamente dita.
- A Viagem Recorda-se e Expand-se – É a fase pós-liminar que valoriza o regresso a casa e a mobilização *pós-facto* dos recursos capturados e angariados, a releitura da memória sobre esses registos materiais e imateriais, através de processos dinâmicos de retroação criativa como fonte de ressignificação de Aprendizagens. A Viagem transforma-se, deste modo, numa cartografia de Viagem de Aprendizagens personalizadas e estruturantes do *eu*, do *nós*, do *cosmos*.
- O ArteNauta é um Arte-Contador – A Viagem dá que contar. A Viagem gera matéria-prima que se traduz em potenciais narrativas para contar. A Viagem detona o exercício do contato com os lugares e com as pessoas que se ligam a episódios que se desejam contar. Somos HistóriaNautas, criadores de narrativas que nos transformam em Contadores de Histórias. A Viagem é, certamente, uma das mais importantes modalidades de construir o desejo de nos ligarmos à representação do real

vivenciado, mas também à ficção, à utopia, ao sonho, ao devir.

- **O ArteNauta é um Arte-Brincador/Brincante** – O Arte-Brincador valoriza o ato de brincar como epicentro de pertença e de descoberta do mundo. Brincar como tesouro especial partilhado, corrente que flui espontaneamente do oceano amniótico da casa-mãe do ser humano. Brincar é lugar de todos, presença vivificadora do projeto renovador e de resgate da criança que em nós habita e quer permanecer. Brincar é território e rota da viagem pelos labirintos do imaginário que se exercitam. Brincar é espaço-tempo *aqui e agora* que ensaia o jogo da vida que é renovada todos os dias para reinvenção do mundo. Brincar em vários tempos com tempo. Brincar a sério mesmo, ao longo da vida, com a diversidade de suas narrativas sempre renascentes.

Deleitamo-nos com os brinquedos, convidativos e sedutores, tocando memórias, palavras, gestos, vontades, tantas histórias de prazer e de luz. Somos brincadores e brincantes, guardamos em nós as fantásticas possibilidades que se expressam ao longo da vida, através da natureza genuína e vital do *homo ludens*. É este brincar pujante de ludicidade que nos habita e que constitui um modo naturalmente livre de explorar o mundo, de vivenciá-lo, de sensibilizarmo-nos nele, de aventurarmo-nos nele, de o conhecermos e de o atualizarmos. Por isso habitamo-lo e reconstruímo-lo ao longo da vida:

Não deixamos de brincar porque envelhecemos.

Envelhecemos porque deixamos de brincar.

Georges Bernard Shaw

- **O ArteNauta é um Arte-Animador** – A ação de Animar é que nos permite impregnar as ideias e os percursos onde atuamos, da nossa alma sensível, empática e solidária com os outros e com os lugares. É este potencial indutor de crescimento que nos faz tocar verdadeiramente as pessoas, os lugares e os objetos que são fonte inspiradora dos nossos processos de Animação. Intervindo com implicação e empatia, com criatividade e liberdade, com envolvimento e de alma corpórea inteira no que desejamos dar luz, nas narrativas e nas ações interventivas do Arte-Animador que se tornam, deste modo, objetos e percursos refletores.
- **O ArteNauta é um Arte-Educador** – A ação de Educar concretiza uma das mais nobres missões do ser humano. Educar com e para a Arte é um dos modelos educacionais de maiores virtualidades e graus de fecundidade. Revelando-nos como Arte-Educadores construímos possibilidades de desenvolvimento de outros seres humanos. Fazêmo-lo pela via de construir o ato pedagógico alicerçado no ato de tecer territórios artísticos em diálogo transversal e transdisciplinar com o universo da filosofia, da ciência, da matemática, da tecnologia, do ambiente e da sustentabilidade. Fazêmo-lo pela via das demais linguagens que nos envolvem e que nos facultam os espaços da experimentação, da aventura e da descoberta. Fazêmo-lo pela via da fertilização do imaginário, da criatividade, do conhecimento e das aprendizagens artísticas (expressões visuo-plástica, musical, dança, dramática e teatral, literatura, cinema, média-arte digital).
- **O ArteNauta é um Arte-Curador** – A ação de Curar/Cuidar anuncia o que importa trazer para o espaço de luz e de partilha, para o espaço de carinho e de visibilidade da

vida equilibrada e harmonizada do ser humano. Curar/Cuidar desafia a mobilização dos meios para se selecionar o que importa ser preservado e até enriquecido, enquanto valor patrimonial resgatado de uma comunidade, de uma região, de um país, de um continente, afinal de um bem da humanidade. Curar/Cuidar pressupõe um valor de resgate a preservar, a divulgar e a fruir. Curar/Cuidar interpela a convergência dos meios de vontade individual e coletiva, articulando-os com os meios de gestão a criar e a dinamizar. Curar/Cuidar envolve a mobilização das condições, tanto quanto possíveis otimas, para se fomentar o uso do lugar, do museu, da exposição, do livro, da imagem, talvez mesmo de uma performance e/ou de um espetáculo. Curar/Cuidar desafia o ser-se Curador/Cuidador numa renovação constante. Afinal, e tal como bem relembra Leonardo Boff: *O ser humano é filho do Cuidado*.

- **O ArteNauta é um Arte-Pesquisador** – A ação de Pesquisar, sempre! Pelo óbvio enriquecimento de uma trajetória humana e comunitária que se revela na pesquisa em si, mas sobretudo no que ela proporciona aos seus utilizadores. O Arte-Pesquisador expõe-se, revela-se e apropria-se criativamente, criticamente, das propostas que resultam do universo das suas abordagens de ação-investigação, traduzidas na busca e criação do conhecimento.

3. O poder comunicacional dos Contadores de Histórias

Abordo a dimensão do poder comunicacional dos contadores de histórias sondando a dimensão antropológica deste universo.

Para isso tenho como referência os antropólogos brasileiros Carlos Aldemir Farias e Maria da Conceição de Almeida que me ajudam e dão cor e sentido a esta abordagem. Sigo depois o meu percurso convocando o olhar atento de alguns contadores de histórias com origem em vários espaços geográficos e culturais, como é o caso dos portugueses Margarida Botelho e Amílcar Martins, do africano Bonifácio Ófogo, do inglês Tim Bowley, do colombiano Nicolás Buenaventura Vidal e outros.

Carlos Aldemir Farias (2006), no seu livro *Alfabetos da Alma: Histórias da Tradição na Escola*, centra a sua reflexão no poder indutor do início do ato de contar, a partir de uma expressão mágica que desperta as audiências para um espaço e um tempo em que o fluxo da palavra dita vai acontecer num registo que a retira do ciclo comum do quotidiano. Trata-se, em grande parte das culturas, de um mote iniciador por meio da expressão *Era uma vez*. No dizer de Maria da Conceição Almeida (2006: 13), no prefácio ao livro atrás sinalizado: *Afinal somos o único animal que diz era uma vez...*

Uma asserção bíblica lembra-nos que *No Princípio era o Verbo*. Que *Verbo* é este? Este é o *Verbo* que nos remete para a função despertadora, acordadora, encantatória e maravilhosa que faz detonar a expansão de uma Viagem a ser cartografada palavra a palavra, gesto a gesto, cumplicidade a cumplicidade, eco a eco entre os contadores e as suas audiências. É a palavra dita que permite encetar a Viagem. Um texto célebre do Oriente Extremo Chinês, o *I Ching*, coloca o seu epicentro na palavra e no seu poder estruturante e modulador do ser: *Nós somos a carne dos textos que comemos*. Ou, de modo mais próximo à linguagem familiar corrente, estabelecerei uma ligação de continuidade com a expressão: *Faça-se luz!* A *luz* como promessa de encontro sensível com o mundo, e com o seu mistério, revela-se através da *luz* que é mediada pela palavra.

A palavra permite o encontrar a possibilidade de clareza, a possibilidade de transparência com o aparecimento da *luz*, com o *soltar o imaginário*, com os caminhos vibrantes do conhecimento sensível e sempre em construção.

Eis-nos perante o ato de empreender o caminho da busca da palavra, do dizer e do pronunciar o seu fluxo prosódico, da expressão dramática através da oralidade. Eis-nos perante a revelação do mundo e da diversidade imaginária, que é pertença de culturas e a que a palavra nomeadora, sensível e ajustada permite fazer detonar. A existência e o encontro do imaginário toma forma, ganha expressão. Eis-nos perante um ato que desencadeia um processo de iluminar o que antes não tinha existência, ou se a teria estaria ela distanciada da compreensão elementar que permitisse a sua existência como luz, como caminho e como viagem de revelação. Faça-se, portanto, através da palavra corpórea da alma do contador, a luz sono-verbo-visual que ilumina o imaginário, a criatividade que multiplica hipóteses de olhar e reinventar o mundo, o conhecimento que modela provisoriamente a existência.

A história inicia-se contando-se através da voz dos contadores de histórias: *Era uma vez...* e prossegue em vários andamentos, atos, desenvolvimentos, detalhes, conflitos de ações de personagens, novidades, confirmações, surpresas, desenlaces...

Na visão de Farias (2006) as histórias permitem evocar a transversalidade de *vozes ancestrais* que nos chegam através de *ecos míticos e racionais*, prolongando-se *para além do tempo e do espaço* tangível. Segundo o autor, surge na voz do contador de histórias uma marca de cultura, um *hálito vital* que estabelece uma articulação entre tempos idos, tempos imaginados, tempos do hoje tornados presentes no *aqui e agora* de uma voz que se diz e se partilha. Há na voz e no corpo do contador de histórias uma energia capaz de fazer

ouvir os *elos do conhecimento* da ancestralidade e dos saberes de tradição, que contrastam com aqueles mais ou menos conhecidos da contemporaneidade. A história contada na voz do contador contrasta e evidencia tempos que se diferenciam: tempos da tradição e tempos de inovação. São os tempos da procura e da voz do legado. São os tempos da voz da invenção. São os tempos da criação que gerações de contadores de histórias trouxeram até ao hoje. Hoje presente em devir.

Existe no ato de contar, segundo Farias (2006), uma *tatuagem da cultura* que ganha forma através dos mediadores das histórias dos lugares reais e ficcionais. As histórias viajam através das vozes dos ambulantes mediadores e saltimbancos nómadas. São os contadores e saltimbancos que as transportam na sua alma, na sua voz, na sua espontaneidade livre de expressão de seres de memórias e de reinvenção do mundo.

As histórias tornam-se, então, enquanto veículos de cultura, cumpridoras de várias funções sociais. Elas são veículos de fixação de narrativas, onde os valores, os enigmas, as personagens reais ou ficcionais são integradas e vivem através do mundo real, do imaginário e da fantasia. Elas representam o poder matricial das culturas e dos lugares. Elas induzem a possibilidade das comunidades dos lugares assimilarem elementos comuns às orientações prescritivas contidas nessas narrativas. Elas são instrumentos de regulação social. Elas são vida de seres de natureza muito diversificada que existem num tempo e lugar criado para imaginar, inventar, criar. Elas são a matéria-prima mais acessível para potenciar a existência de uma comunidade atenta, coesa e fruidora, através da expressão do corpo e da voz de um contador. As histórias surgem, então, como *educação primeira*, como *alfabetos da alma* e *poder arrebatador que exerce na vida das pessoas, ao nos possuir e educar*, no dizer

de Farias (2006: 16). Esta perspectiva é corroborada por Maria da Conceição de Almeida (2006: 12):

(...) somos constituídos por dois itinerários do pensamento que se parasitam permanentemente: um empírico-lógico-racional, outro mítico-simbólico-mágico: Qualquer redução de um desses pólos do espírito ao outro compromete a amplitude de nossas concepções de mundo, nos faz andar com uma perna só. O ilusório sozinho nos encerra no delírio. A razão sozinha se torna racionalização, se embrutece, fica cega para tudo o que não é cálculo, regra, lógica.

É neste sentido da integração multidimensional holística que ganha relevância o alerta evocador e interpelante contido no pensamento chinês e traduzido no *I Ching*, cit. Farias (2006: 7): *Nós somos a carne dos textos que comemos*. Estaremos então já em condições, perante tão forte expressão que ecoa da China antiga e pujante de cultura e de saberes, que somos seres de narratividade. Seres simbólicos que se encontram a contar e a ouvir. Seres de “ouvir”, um verbo (a)gramatical que anuncia a inteireza da gemação do processo comunicacional de “ouvir” e de “ver”. É este ato de “ouvir” que suscita e desencadeia a proximidade, a intimidade, a cumplicidade e a participação, de alguém que conta para um outro alguém que “ouvê” na sua tela interior do imaginário um desfile de emoções, sentimentos, realidades, reinvenções do mundo através de personagens que se narram em peripécias contadas para “ouvir”. Esta narratividade que cria as condições para se dar à luz o nascer do encontro e do acontecer entre contador e “ouvedor”, é salientado por Sant’Ana (2011: 13), ao lembrar-nos: *Somos estórias em movimento. Parábolas vivas. E quem conta estórias vive várias vidas numa só*. Afinal, e tal como nos elucida Farias (2011: 19): *Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade*.

O papel do narrador, ora associado ao de contador de histórias, surge-nos então como ser mediador de cultura e de humanidade, o qual é transversal à construção do seu *adn* de existência e aos seus traços distintivos identitários. Eis este papel do narrador explicitado de forma esplendorosa:

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua própria vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz ténue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.

(*O Narrador*, Walter Benjamin, in Benita Prieto, *op. cit.*, 2011: 7)

Passemos então à convocação do verbo “ouvir”, através da voz dos contadores de histórias, e de uma iniciativa que tem enorme relevância nesta área em Portugal. Refiro-me às *Palavras Andarilhas*, filmadas por Amílcar Martins, em 2008, e que se desenvolvem há vários anos em Beja, através da Biblioteca José Saramago e da Câmara Municipal. Alguns dos depoimentos apresentados pelos contadores de histórias permitem-nos realçar aspetos das suas práticas e dos seus pensamentos. Sejam bem vindos(as) ao território internacional das *Palavras Andarilhas*, em Beja!

Vejamos o que nos diz Margarida Botelho, autora de vários livros para a infância e contadora de histórias:

Há alguns anos que eu trabalho com crianças. Vou buscar ao universo lúdico, da cozinha, das panelas, do cozinhar e do coser, do transformar... aquilo que recebemos... os ingredientes para as

histórias. É assim que eu vejo o contar histórias, o que recebemos e transformamos para dar ao outro.

Esta autora valoriza a matéria-prima que é a atividade lúdica, as suas próprias vivências recreadas, e a possibilidade que lhe permite de encontrar nelas os ingredientes da sua própria criação e transformação ficcional em fluxos de narratividade.

O africano Bonifácio Ófogo valoriza os valores que transmite através da sua escolha e modo de contar. A participação das audiências em alguns dos momentos dos contos garantem a presença envolvente destes em rituais de coesão social e de partilha.

Num outro plano e para o contador de histórias inglês Tim Bowley, através do rico acervo de histórias que selecionou no seu livro “Contos do Mundo”, bem como através de momentos de contação destas histórias, os contos para contar deverão favorecer o acesso ao mundo do outro, ao seu imaginário, aos seus sonhos, aspirações, desejos, às suas culturas.

É o contador de histórias Nicolás Buenaventura Vidal, citado por Martins (2007), que nos recorda a importância da diversidade dos *cuentos* que existem, especialmente adaptados para todos os momentos:

*Hay cuentos para cada momento
cuentos para cada estación:
los cálidos cuentos para lo largo invierno,
cuentos azules, rojos, verdes y violetas para la primavera,
el verano trae adivinanzas, bromas y chistes
y las grandes epopeyas se cuentan en otoño.
Pero aquí y ahora,
en aquele trópico, atravesado por el dolor y la pasión,
la tradición quiere qui cuente los cuentos del amor.
Los Cuentos del Espíritu... para pensar y para amar mejor!*

Nicolás Buenaventura Vidal

Finalmente Amílcar Martins (2007), na leitura que fez da *performance* de Buenaventura sobre *Cuentos del Espíritu*, também apresentado nas Palavras Andarilhas, em Beja, realça as dimensões do contador de histórias integrar em si o conto que ele transmite, apresentando-o através do momento *aqui e agora*. É na situação do *aqui e agora* que o conto se exprime e o contador ganha, no fogo da ação de contar, a comunicação com a audiência.

Na parte final do seu artigo, Martins (2007) apresenta uma síntese do que é, em regra, procurado pelos contadores de histórias. Trata-se da busca da palavra mágica que se detona no espaço da percepção, do inconsciente e do subconsciente daquele que “ouvê” um conto. O conto mediado por um contador de histórias torna-se a energia propulsora para o sonho, o imaginário, a própria criação ativa daquele que *ouvê*. O conto transforma-se no espaço narratológico que exercita e faz viver as personagens e os seus encadeados sentimentos, emoções, afetos, dinâmicas de pensar, de conflitar, de construir desejos e de realizá-los.

A magia da palavra na versão iconográfica de Martins (2007) apresenta-se como resultante de uma sinergia ótima entre três fatores: o contador; o conto; e a audiência.

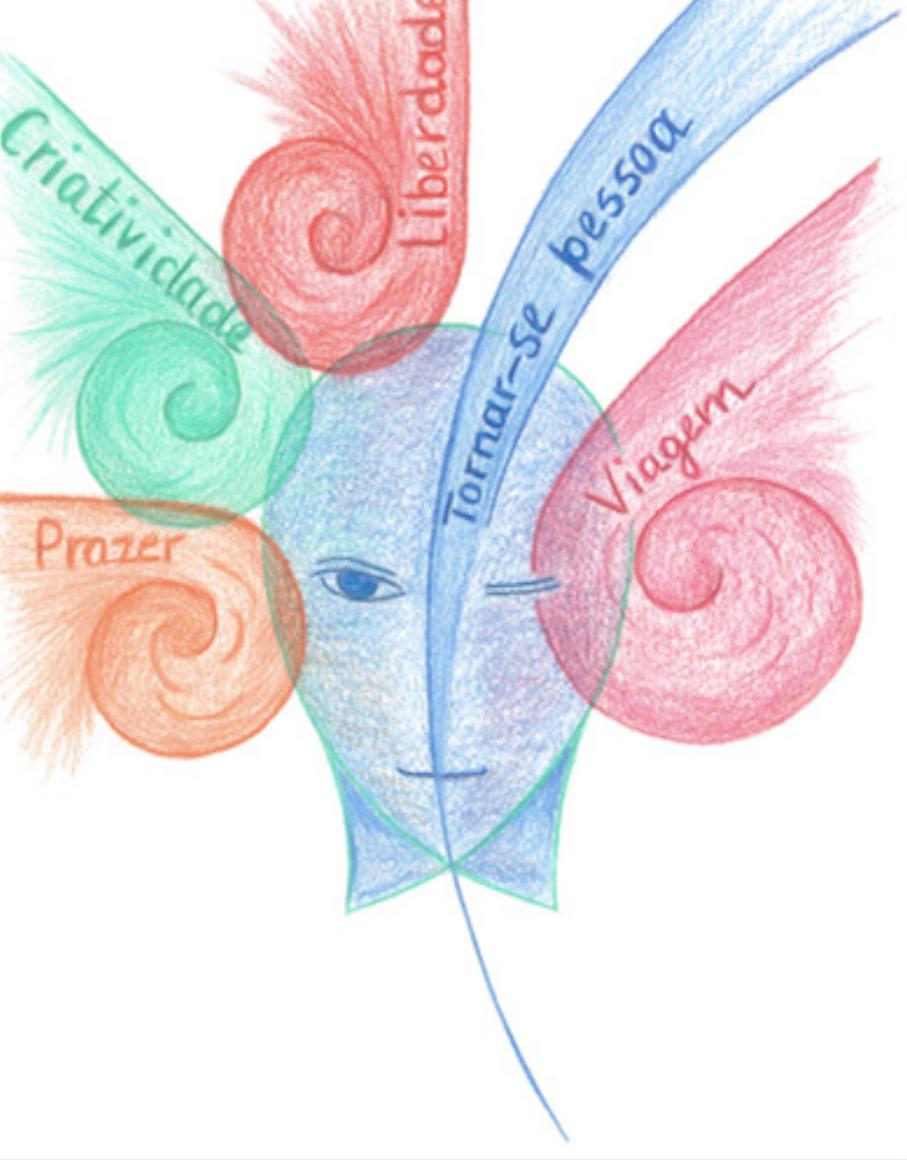


Desenho 2: Mandala Magia da Palavra (cf. Amílcar Martins, 2007).

Para que a magia da palavra ganhe espaço e tempo irradiantes num *aqui e agora* evocado, haverá que conceder a cada uma destas variáveis a possibilidade do fluir expressivo de cada uma delas. No que toca ao contador de histórias surge a importância de quatro fatores decisivos, a sua boa forma física e vocal, mental e espiritual. O conto que o contador escolhe para contar deverá ser interiorizado, sentido, gostado, porventura até amado, de forma a que a sua integração expressiva e comunicacional se transforme em fator de potenciação do ato de contar.

Posso agora interrogar-me sobre a dinâmica de relação entre a magia da palavra e as aprendizagens que se buscam por meio de um processo pedagógico e artístico com jovens contadores de histórias integrados no CIV. Após a reflexão aqui explanada, elegi um conjunto de âncoras decisivas de aprendizagens que deverão ser geradas pelo desenvolvimento do projeto dos CIV *Young Storytellers*.

São essas aprendizagens, enquanto mais-valias do desenvolvimento, que indico para os CIV *Young Storytellers* no seu processo de crescimento individual e colectivo. Elejo então as âncoras matriciais de caminhos de aprendizagens que, de forma individualizada e/ou de grupo, num relacionamento e abordagem inter e transdisciplinares, deverão ser o fermento de todo o projeto dos CIV *Young Storytellers*: a Viagem; a Liberdade; a Criatividade; o Prazer; o Tornar-se Pessoa Cidadã e Transformadora. Observemos numa síntese iconográfica esta constelação de conceitos-guia de Aprendizagem, apoiados na emergência do Ser ArteNauta de “Vida Plena”.



Desenho 3 – Síntese dos Conceitos-Guia de Aprendizagem do Projeto CIV Young Storytellers.

4. O projeto educacional e artístico com os CIV *Young Storytellers*

Indo ao encontro das linhas orientadoras do projeto educativo do CIV, procurei, nos vários momentos de reflexão-ação que constituíram a concepção do Projeto CIV *Young Storytellers*, uma metodologia valorizadora da realidade cultural do CIV. Ou seja, procurando representar no projeto a vida prática dos jovens contadores de histórias, a sociedade que eles hoje enfrentam. O projeto é assim construído *in loco*, em função do contexto, e reconstruído ao longo do percurso. Neste sentido são características da concepção do projeto a adoção de uma pedagogia de projeto aliada a uma *pedagogia de situação*, de acordo com a inspiradora Gisèle Barret, cit. por Amílcar Martins (2002; 2009).

Pretendo com isto significar que concebi o Projeto CIV *Young Storytellers* numa ótica de flexibilidade e de abertura à programação e ao previsto, mas também à imprevisibilidade e aos fluxos da espontaneidade, às urgências do próprio momento, procurando liderar pedagogicamente o processo educativo, revelando-me e assumindo-me com disponibilidade e abertura para acolher os elementos indutores da própria dinâmica da ação, das pertinências expressas, e em função das leituras que fazia, em cada momento, dos seus graus de fecundidade, de validade e de significação.

A participação plena dos jovens contadores de histórias na vida cultural e artística passa por serem colocados no centro das atividades. Ao se apropriarem de uma expressão espontânea e livre, ao serem vivenciadores de experimentação lúdica, os jovens passam a ser criadores de cultura, e não apenas reprodutores de cultura.

Neste sentido foram surgindo ao longo do projeto várias oportunidades para a sua participação ativa, como contadores de histórias para públicos variados, como animadores, como organizadores de eventos, como orientadores de oficinas para a construção de objetos contadores de histórias, realizadores e atores de vídeos de curta duração.

Estas atividades foram organizadas em parcerias que pudessem proporcionar o desenvolvimento das capacidades individuais e de grupo dos CIV *Young Storytellers*, a expressão da sua diversidade cultural e, ainda, uma oportunidade para a comunicação intergeracional. Foram nossos parceiros artistas, contadores de histórias de várias nacionalidades, escritores, instituições locais e regionais.

5. A prática realizada com os *CIV Young Storytellers*

Com início em outubro de 2009 as atividades foram surgindo numa espiral de reflexão-ação ao longo dos últimos oito anos letivos, estando a última atividade deste ano letivo programada para junho de 2017. Vários dos elementos do primeiro grupo já concluíram os seus estudos no CIV, outros estão em fase de conclusão, no entanto todos os anos letivos vários jovens se deixam cativar pela contação de histórias e aderem ao grupo, mantendo assim viva a chama da magia da palavra.

A infraestrutura do projeto foi melhorando ao longo do tempo. Existindo um conjunto de orientações para a implementação, foram-se-lhe ainda juntando materiais que a enriqueceram e transformaram. A gestão de projeto a nível financeiro tem sido

realizada através da angariação de fundos, garantida por bancas alimentares realizadas no CIV pelos jovens contadores de histórias. Estes fundos têm garantido o enriquecimento da sua biblioteca e por conseguinte o seu reportório de histórias. A criação de um logo (chapéu contador de histórias), símbolo dos CIV *Young Storytellers*, é vital na sua identificação como grupo. Utilizado em crachás, cartazes e programas é a sua marca identitária que mostram com orgulho nas viagens e nas atividades no CIV.

Partilho, de seguida, uma pequena amostra das atividades realizadas pelos CIV *Young Storytellers* ao longo do projeto.

5.1. Exemplo A: *Uma Poética dos Objetos*

Ao escutarem uma história, os jovens criam na sua imaginação um mundo sonhado, modificando assim, e mesmo ampliando, certos aspectos da narrativa. Esta sua apropriação do conto pode ser traduzida através de formas plásticas por eles escolhidas. Estes momentos de resposta imaginativa a histórias escutadas são uma oportunidade para conhecer a linguagem da plástica como um meio de comunicação que tem um vocabulário específico que permite a expressão de ideias e sentimentos, assim como de usufruir das experiências oferecidas pelo contacto com alguns materiais, como o cartão, as colas, as tintas, o barro, etc.

Uma das atividades plásticas desenvolvidas pelos jovens contadores, nas aulas *de Art e Design*, é a construção de *Caixas com Alma*. Cada uma destas caixas de cartão alberga uma história selecionada pelos jovens contadores, assim como a semente da magia da palavra a ser contada numa atividade próxima. Construídas com materiais reciclados albergam florestas mágicas, jardins

paradisiacos, praias fantásticas, castelos encantados, cidades flutuantes, rios suspensos, fundos do mar...

Manipuladas pelos contadores de histórias à medida que vão contando as suas histórias, estas pequenas caixas deixam encantados os mais pequenos que, rodeando-as de cócoras, espreitam e, por vezes, não resistem a tocar o lugar de sonho e magia que habita o interior da caixa.

Habituar as crianças a considerar a mutação das coisas quer dizer ajudá-las a formarem uma mentalidade mais flexível e vasta (Munari 1981: 38). Foi sob este princípio que viria a surgir o *Carrinho Contador de Histórias*. Recuperada uma ideia, a da tendinha de histórias do contador de histórias Luís Carmelo, os CIV *Young Storytellers* procuraram materiais para reciclarem, construindo, assim, o *Carrinho Contador de Histórias*. Recolheram pequenos objetos potenciadores do poder de induzir a imaginação e a criatividade no ato de contar de histórias de forma espontânea: sementes, pinhas, conchas, penas, rebuçados, estrelas de palha, pedacinhos de esferovite, purpurinas cintilantes, etc. Estes pequenos objetos colocados num tabuleiro sobre o carrinho, não tinham qualquer relação com as imagens/personagens selecionados pelos jovens. Todos os objetos e personagens carregavam já consigo o potencial de migrarem, se mutarem/transformarem, oferecendo assim a liberdade para a construção de composições/narrativas poéticas e potencialmente polissémicas. *O Carrinho Contador de Histórias* foi atualizado nos seus materiais mais do que uma vez por ano letivo, dependendo da temática e da atividade a desenvolver.

Outros objetos mágicos foram e continuam a ser construídos nestas aulas, como o Guarda-Histórias, criado para guardar e misturar histórias, os Teatrinhos de Fantoques e as Marionetes.



Foto 1: Tomás conta uma história com uma Caixa com Alma.

Foto: acervo Amílcar Martins.

5.2. Exemplo B: *Quem nos Inspira?*

A formação dos CIV *Young Storytellers* tem sempre presente as necessidades sentidas e verbalizadas pelos jovens contadores de histórias. Depois das primeiras sessões de retroação das atividades de contação de histórias no CIV, os jovens desejavam ser contadores de histórias mais *a sério*, pois sentiam existir um *know how* que lhes faltava. Em colaboração com contadores de histórias e outros artistas convidados a deslocarem-se ao CIV, assim como de organizações educativas e culturais fora do colégio, construímos pontes que religaram aspetos comuns que são relevantes para a vida dos jovens contadores.

No sentido de alargar a experiência dos jovens contadores de histórias, juntamente com o Amílcar Martins, encetámos contactos com variados parceiros, contadores de histórias, animadores,

professores e artistas de várias nacionalidades e, ainda, com instituições/associações de diferentes localidades de Portugal.

No meio escolar os jovens contadores têm tido a oportunidade de apreciar e partilhar histórias com os contadores de histórias Amílcar Martins, Elisa Vilaça, Luís Carmelo e Sofia Maul e os *Mandrágora* (Portugal), Thomas Bakk (Brasil), Rodolfo de Castro (Argentina) e Tim Bowley (Inglaterra). Partilharam também de momentos de leitura de histórias com os escritores Alice Vieira e João Tordo, mostrando-se sempre muito curiosos acerca do processo criativo dos escritores.

Com o Amílcar Martins, através das *Master Classes* Contar, Mimar e Sentir I e II, os jovens contadores tiveram as suas primeiras experiências de exercícios estruturados de voz e dicção, da apreensão da voz corpórea do ator e contador de histórias e, ainda, dos meandros da improvisação e criação dramáticas e performativas baseadas na qualidade do processo de interatividade e de empatia com as audiências, na espontaneidade, na criatividade e na liberdade da inscrição personalizada e *sui generis* dos seus modos de ser, sentir, estar, fruir e pensar criticamente. Os processos criativos em ação *aqui e agora*, ligados a uma arte do momento, seriam o tónus vital destas sessões dirigidas aos CIV *Young Storytellers*.

No exterior do CIV, através de Amílcar Martins e em colaboração com algumas instituições localizadas em várias regiões do país:

- Lisboa – através da Comunidade do Mestrado em Arte e Educação (MAE) da Universidade Aberta (UAb), e do Sindicato de Professores da Grande Lisboa (SPGL);
- Porto – através da Associação Ajudaris;

- Silves e Ponte de Lima – através dos Centros Locais de Aprendizagem da Universidade Aberta de Silves e de Ponte de Lima;
- Óbidos – através da Câmara Municipal de Óbidos e da Livraria Histórias com Bicho, neste concelho.

Foi através destas parcerias exteriores ao CIV que organizámos vários eventos onde os CIV *Young Storytellers* participaram e orientaram oficinas, partilharam histórias em tertúlias, animaram espaços públicos e foram atores, fazedores e co-produtores e co-realizadores de curtas metragens cinematográficas e/ou videográficas.

Em várias destas atividades de formação, a intenção foi a de que ao participarem nos diversos processos criativos inerentes à especificidade de cada um dos projetos, os jovens contadores de histórias adquirissem a visão global, a capacidade de planeamento e a coordenação de projetos, de trabalho em equipa, bem como de pensamento reflexivo e crítico.

Foto 2: Master Class com Amilcar Martins. Foto: acervo Amilcar Martins.



5.3. Exemplo C: *Era Uma vez...*

A primeira sessão de contação de histórias pelos CIV *Young Storytellers*, aconteceu no dia 24 de junho de 2010 na Biblioteca do CIV, tinham os jovens contadores pertencentes ao primeiro grupo, entre os 12 e os 14 anos de idade. Seguiram-se várias sessões no Jardim de Infância e nos espaços ao ar livre do CIV. Estas primeiras sessões foram marcadas por forte interação entre os jovens contadores de histórias e os mais pequeninos, fascinados com o mundo de fantasia que habitava as *Caixas com Alma*, o *Carrinho Contador*, o *Teatrinho de Marionetas* e o *Guarda-Histórias*. As sessões revelaram-se, assim, um espaço comunicativo onde os jovens, através das suas caixas, se expuseram como encantadores e encantados numa comunicação que provocou, seduziu e enleou todos quantos estavam presentes.

Percebendo que as histórias favorecem o acesso ao mundo do outro, ao seu imaginário, aos seus sonhos, aspirações, desejos, às suas culturas, os CIV *Young Storytellers* selecionaram, para partilhar, um reportório multicultural a que deram o nome de *Contos do Mundo*. Trata-se de um reportório de contos de várias culturas, com representantes dentro do grupo, que os jovens selecionaram – para ao longo do projeto e por vezes numa segunda língua –, se dizerem através do conto que escolheram partilhar.

Os *Contos do Mundo* têm sido generosamente partilhados pelos CIV *Young Storytellers* em sessões com colegas, professores e pais do CIV – como por exemplo no evento anual *Contos ao Luar*, em Junho – e em várias sessões de contação de histórias, para crianças e adultos do Sul ao Norte de Portugal.



Foto 3: Tomás improvisando uma história com o Carrinho Contador de Histórias.
Foto: acervo Amílcar Martins.

6. A avaliação global do projeto *CIV Young Storytellers*

Esta narrativa de arte-educação foi construída, analisada e interpretada a partir de uma panóplia alargada de recursos gerados ao longo desta *viagem formativa*, designadamente de diários de bordo, de portfólios dos participantes no projeto, de uma imagética iconográfica muito ampla, de vídeos e de fotografias, de escritos nas *newsletters* e *yearbooks* do CIV e, ainda, de depoimentos de encarregados de educação, de outros professores e de auxiliares de educação do CIV.

A interpretação sobre os dados do Projeto CIV *Young Storytellers* evidencia o contributo da educação pela arte – associada ao conjunto das áreas artísticas que mobilizámos numa perspetiva inter e transdisciplinar –, para o desenvolvimento pessoal, linguístico, estético-artístico e cultural dos CIV *Young Storytellers*. Permitiu-me ainda realçar o valor pedagógico, comunicacional e

metodológico que emergiu de uma prática de arte-educação que reportamos da maior importância para os CIV *Young Storytellers* e para a redefinição do projeto global do CIV.

7. Perspetivas e conclusões

Perspetivo o Projeto CIV *Young Storytellers* como um exemplo de *boa prática educativa, cultural e artística*, à luz dos indicadores internacionais de relevância e de participação, traduzidos nos elevados níveis de fecundidade, de inovação e de energia potenciadora de inspiração para outras escolas e professores, em Portugal, ou em qualquer outro país do nosso mundo de diferenças e de enriquecedora diversidade cultural.

Referências Bibliográficas

ALEXANDRINO, Teresa (2015). *Projeto CIV Young Storytellers: Estudo Exploratório de uma Investigação-Ação no Colégio Internacional de Vilamoura*. Dissertação de Mestrado em Arte e Educação. Orientação Amílcar Martins. Lisboa: Universidade Aberta. https://issuu.com/amilcarmartins1/docs/mae_dissertacao-teresa_alexandrino

ALMEIDA, Maria da Conceição (2006). “Um alpendre lilás para a educação”. In FARIAS, Carlos Aldemir. *Alfabetos da Alma, histórias da tradição na escola*, pp 11-14. Porto Alegre: Editora Sulina.

BARRET, Gisèle (1986a). *Pédagogie de l'expression dramatique*. Montréal: Université de Montréal.

BARRET, Gisèle (1986b). *Essaie sur la pédagogie de la situation en expression dramatique*. Outremont (Québec): Recherche en expression.

FARIAS, Carlos Aldemir (2006). *Alfabetos da Alma, histórias da tradição na escola*. Porto Alegre: Editora Sulina.

FARIAS, Carlos Aldemir (2011). “Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade”, in Prieto, Benita (Org), *Contadores de Histórias: Um exercício para muitas vozes*, pp 17-22. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas.

LEGENDRE, Renald (2005). *Dictionnaire actuel de l'éducation* (3e édition). Montréal: Guérin.

MARTINS, Amílcar (2002, 2009). *Didática das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.

MARTINS, Amílcar (2007a). “*Cuentos del Espiritu*’ num Jogo de Espelhos Virtual”, in *Revista “... à Beira”*, nº 7 , vol. 1, pp. 183-194. Covilhã: Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior.

MARTINS, Amílcar (2007b). *Educar, Educando-se – Arte e Educação*. Entrevista concedida ao Programa Televisivo Destaque da FGF/TV, Canal Universitário de Fortaleza, em 18 de Dezembro de 2007. (7 vídeos). Fortaleza: Faculdade Integrada da Grande Fortaleza. Duração do vídeo: 25’ <https://www.youtube.com/watch?v=ab4Utsi55Vc>HYPERLINK “<https://www.youtube.com/watch?v=ab4Utsi55Vc&list=PL54C8C44A78ED7B29>”&HYPERLINK “<https://www.youtube.com/watch?v=ab4Utsi55Vc&list=PL54C8C44A78ED7B29>”list=PL54C8C44A78ED7B29

MARTINS, Amílcar (autor), ESTEVES, Elisa (realizadora) e RIBEIRO, Teresa (tecnóloga) (2008). *Arte e Educação: A Magia da Palavra*. Lisboa: Universidade Aberta. Duração do vídeo: 40’ <http://zappiens.pt/Z2787>

MARTINS, Amílcar (autor), ESTEVES, Elisa (realizadora) e RIBEIRO, Teresa (tecnóloga) (2009). *Arte e Educação: A Magia da Expressão Plástica*. Lisboa: Universidade Aberta. Duração do vídeo: 40’ <http://vimeo.com/93977482>

MARTINS, Amílcar (2009). *Voz e Dicção*. Lisboa: Universidade Aberta. <https://www.youtube.com/watch?v=TK3aEizLvFY&list=PL5E56D4924FCC6EEB>

MUNARI, Bruno (1981). *Fantasia: Invenção, Criatividade e Imaginação na Comunicação Visual*. Lisboa: Martin Fontes/Presença.

ONFRAY, Michael (2009). *Teoria da Viagem – Uma Poética da Geografia*. Lisboa: Quetzal Editores.

PRIETO, Benita (Org.) (2011). *Contadores de Histórias: Um exercício para muitas vozes*. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas.

ROGERS, Carl (2009). *Tornar-se Pessoa*. Lisboa: Padrões Culturais Editora.

SANT'ANNA, Affonso Romano de (2011). “Contação de estórias. Vida e realidade”, in Prieto, Benita (Org), *Contadores de Histórias: Um exercício para muitas vozes*, pp 12-16. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas.

Teresa Alexandrino é professora de Arte e Design nos Estudos Ingleses do Colégio Internacional de Vilamoura, Portugal. Contadora de histórias, especialmente interessada no valor educativo, cultural e artístico dos contos e das lendas como narrativas de expressão criadora e de revelação de cosmovisões multi e interculturais. É pós-graduada em Ensino e Mestre em Arte e Educação pela Universidade Aberta de Lisboa. Licenciada em Arte e Design pelo Instituto Superior de Arte e Design, de Lisboa. Tem formação em Filosofia para Crianças. Criou múltiplas imagens, ilustrações e iconografias de ArteNautas, enquadrados em projetos de pesquisa no âmbito do livro, da mediação e da animação da leitura, bem como do incremento pedagógico-didático da Arte e Educação. Criou e dirige, desde 2010, o projeto dos CIV *Young Storytellers* com jovens de várias origens culturais do Colégio Internacional de Vilamoura. Participou com os seus ArteNautas e outras ilustrações em várias iniciativas educativas, artísticas e culturais, como oficinas e exposições individuais e coletivas em Portugal, Angola, Brasil e Namíbia. Integra, desde 2010, a comissão organizadora de várias residências artísticas, estágios, seminários e sessões de animação artística e cultural desenvolvidos pelo Mestrado em Arte e Educação da UAb.
E-mail: alexandrinoteresa113@gmail.com